

AS TRANSFORMAÇÕES NA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E OS NOVOS ARRANJOS DE GÊNERO DOMÉSTICOS

Jordão Horta Nunes¹, Lilian Silva do Amaral Suzuki², Maria Fernandes Gomide³.

Introdução

A feminização e a nova divisão sexual do trabalho referem-se a transformações no mundo do trabalho que têm motivado importantes análises na sociologia contemporânea (e.g., HIRATA, 2002; MARUANI; HIRATA, 2003). No entanto, as transformações correlatas nas interações e arranjos entre sexos em âmbito doméstico, a despeito de sua importância, têm sido menos investigadas. Erving Goffman, um dos pioneiros na análise dessa temática (1977), já ressaltava a importância que a socialização diferenciada de meninos e meninas, com base na esfera doméstica, acarreta para as trajetórias individuais no decorrer da vida. Arlie Hochschild e Anne Machung (2003) retomam, de forma crítica, a problemática analisada por Goffman, agora no contexto da globalização e do trabalho flexível, ressaltando as novas formas e estratégias identitárias orientadas por gênero decorrentes da nova divisão sexual do trabalho. Hochschild (2003) enfatiza a aproximação entre dois domínios simbólicos outrora dissociados, a família e o consumo. O reconhecimento da mulher na esfera pública, do trabalho, tem como correlata a desvalorização do self de mulher-mãe e de sua posição no arranjo entre os sexos doméstico, ainda que suas funções e práticas simbólicas continuem valorizadas e indispensáveis. Tais atividades e práticas tornam-se mercadorias e passa-se a valorizá-las como serviços pelos estratos economicamente dominantes e como oportunidades de trabalho em níveis mais baixos da escala social. Evidencia-se uma contradição nesse novo tipo de troca simbólica, pois atividades como a de educar, cuidar, alimentar ou brincar com os filhos, originalmente separadas da insensível arena do mercado, são mais valorizadas à medida que se aproximam do que lhes é estranho como mercadorias, ou seja, de sentimentos e emoções. Assim, uma pletera de atividades outrora ligados à esfera doméstica ganham autonomia e tornam-se objeto de aprimoramento técnico, diversificação e individualização: acompanhantes, cuidadores de idosos, assistentes pessoais, cuidadores de animais, animadores de festas etc.

O contexto em que a fronteira da mercadoria (*commodity frontier*) desequilibra os arranjos de sexo domésticos adquire contornos ainda mais difusos com as formas de trabalho atípico e a precarização no regime de acumulação flexível. Torna-se importante analisar as diferentes formas e identificar as agências ou o arranjo institucional responsável pela regulação das formas de trabalho remunerado e não remunerado, bem como dos arranjos de gênero e formas identitárias correspondentes: o Estado, as organizações e movimentos sociais, a renegociação, em nível interacional, de *selves*, papéis e valores sociais.

O objetivo aqui é identificar, recorrendo à literatura sobre temática, as principais formas em que se efetivam os arranjos e estratégias de gênero na esfera doméstica no contexto das transformações recentes do mundo do trabalho. Emprega-se o repertório analítico resultante no exame de dois tipos para examinar os tipos de arranjos domésticos relacionados a duas formas de trabalho específicas: os serviços de contínuos (office-boys, office-girls, mensageiros etc.) e o trabalho de brasileiros decasséguis, descendentes de japoneses.

¹ Professor Adjunto, Universidade Federal de Goiás

² Graduada em Ciências Sociais, Bolsista de Iniciação Científica, Universidade Federal de Goiás

³ Graduada em Ciências Sociais, Bolsista de Iniciação Científica, Universidade Federal de Goiás

Metodologia

Primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica na temática da identidade ocupacional ou profissional em relação a outras formas identitárias (e.g DUBAR, 2006; 2005) e à análise das estratégias e ideologias de gênero em arranjos domésticos no contexto da sociedade de consumo e de serviços. Foi também realizada a pesquisa bibliográfica referente aos dois objetos pesquisados: o trabalho de contínuos e de decasséguis. As duas investigações, ainda em andamento, empregaram entrevistas de profundidade com base em amostras intencionais na cidade de Goiânia-GO e observação sistemática. No caso dos decasséguis recorreu-se também à memória e experiência pessoal vivenciada por uma das autoras. A pesquisa sobre os contínuos envolveu também algumas estratégias alternativas, com análise de obras do gênero literário, de cinema e até o recurso a arquivos de depoimentos e narrativas de vida e trabalho na Internet, em periódicos informativos impressos e produções televisivas.

Resultados e discussão

Constata-se, nas pesquisas em andamento, o desenvolvimento de estratégias de gênero e a construção de novos arranjos domésticos relativos aos objetos pesquisados, ainda que estes não caracterizem propriamente as situações e os papéis típicos presentes nas obras de Goffman e Hochschild, pioneiras no tratamento da temática. No caso dos contínuos, percebe-se que houve mudanças em termos da organização de trabalho e formas de contratação, com reflexos no perfil identitário dos trabalhadores. A ausência feminina dentre os contínuos é resultante de uma construção social que torna decisivas as diferenças biológicas, por menores que sejam, como definidoras da masculinidade (*manhood*) e feminilidade (*womanhood*). De acordo com Goffman, as sociedades são estruturadas em “classes de sexo” que são a base para a cristalização de gêneros e que incorporam, em cada sociedade, ideais de feminilidade e masculinidade. Os “boys” que se arriscam pela cidade são orientados (pela sociedade, pela família e por si próprios) precocemente ao mercado de trabalho, o que se justifica por crenças que atribuem aos meninos a coragem, a resistência, a capacidade de enfrentar riscos e, portanto, de se adaptar melhor à vida no ambiente externo. No caso de contratações relacionadas a programas sociais e organizações do terceiro setor articuladas como o governo em nível municipal, federal ou estadual, verifica-se uma alteração positiva, já que uma iniciação ocupacional outrora reservada aos rapazes que, mediante uma naturalização de diferenças sexuais, eram considerados mais aptos à iniciação precoce no mercado de trabalho, torna-se disponível também às jovens mulheres. No entanto, no âmbito privado permanece uma assimetria entre as atividades domiciliares, típica da imagem prototípica da mulher-mãe, como relatam as *office-girls* registradas como auxiliares administrativas. As tarefas que compunham o “serviço” dos contínuos eram bastante diversificadas e iam desde obrigações de fazer e servir o café para até o pagamento de taxas administrativas em locais externos como bancos, agências de correio etc. Entretanto, na maioria dos entrevistados, as tarefas exigidas pelos “patrões” ou “chefes” extrapolavam os ambientes de trabalho. Suas obrigações esticavam ao contorno privado do empregador que se utilizava da mão-de-obra “servil” de seu contínuo onde a necessidade lhe aparecesse, no trabalho, na rua ou na casa. Algumas narrativas, se não todas, trazem relatos de como em sua rotina de trabalho diário era presente essa realidade mesclada de pessoalidade e impessoalidade.

Em relação aos decasséguis, geralmente do gênero masculino, constata-se uma discrepância entre a identidade relacionada a ocupações industriais, como é o caso da maioria dos nisseis e sanseis (ou seus cônjuges) que para lá emigram, e as ocupações que voltam a desempenhar aqui, geralmente no setor de serviços. A impessoalidade,

segmentação e racionalidade das atividades, características da organização do trabalho do tipo taylorista ou fordista, conflitam com a valorização das interações pessoais e construção operacional do *self* que permanecem nas ocupações do setor de serviços, principalmente em pequenas empresas de tipo familiar. Assim, mesmo no caso de ascensão social para a condição de empregadores, aumenta a possibilidade de ocorrência de conflitos nos arranjos entre sexos na esfera doméstica. As diferenças na cultura do trabalho não são unicamente responsáveis pelos problemas, mas também as expectativas, em nível das emoções e sentimentos, por parte dos que retornam e da sobrecarga, geralmente suportada pelas mulheres, pela vacância dos respectivos maridos trabalhando no exterior. O arranjo entre sexos torna-se bastante difícil, em decorrência da assimetria na efetivação das atividades. As famílias se tornam praticamente monoparentais durante o período de afastamento para trabalho no exterior. A adaptação do casal no retorno é difícil, já que há dificuldades para recolocação no mercado de trabalho com o mesmo nível salarial, no setor industrial. Como a esperança se desloca para a abertura de pequenos negócios, de base familiar, no Brasil, com base no capital acumulado no período de decasségui, torna-se mais penoso conciliar a divisão sexual do trabalho em nível domiciliar, levando em conta as atividades domésticas e as novas atividades ocupacionais do empreendimento iniciado.

Referências bibliográficas

- CARVALHO, Daniela de. *Migrants and Identity in Japan and Brazil*. New York: Routledge, 2003.
- DUBAR, Claude. *A crise das identidades. A interpretação de uma mutação*. Porto: Afrontamento, 2006.
- _____. *A socialização*. Construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GOFFMAN, Erving. The arrangement between sexes. *Theory and Society*. Davis, v. 4, n. 3, p. 301-331, fall 1977.
- HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell. *Commercialization of intimate life*. Notes from home and work. Berkeley: University of California, 2003.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell; MACHUNG, Anne. *The second shift*. New York: Penguin, 2003 [1989]
- KAWAMURA, Lili. *Para onde vão os brasileiros?* Campinas: Unicamp, 1999.
- LAHIRE, Bernard. *O Homem Plural: os determinantes da ação*. Petrópolis, R. J.: Vozes, 2002.
- MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (orgs.). *As novas fronteiras da desigualdade. Homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: SENAC, 2003.
- KAWAMURA, Lili. *Para onde vão os brasileiros?*, Campinas, São Paulo, Ed. Unicamp, 1999.
- SASAKI, Elisa. Movimento Dekassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: SALES, Tereza; REIS, Rossana Rocha. *Cenas (orgs.) Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- SCHUTZ, Alfred. *El problema de La realidad social*. Escritos I. 2ª Ed. 1 reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- _____. Alfred. The Homecomer. *The American Journal of Sociology*. Chicago, v. 50, n. 5, p. 369-376, Mar., 1945.
- _____. The Stranger: An Essay in Social Psychology. *The American Journal of Sociology*. Chicago, v. 49, n. 6, p. 499-507, May, 1944.